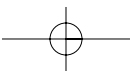
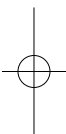
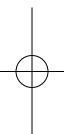


“The Bone of Contention”:
Prazeres-Desejos do Corpo em
The Handmaid’s Tale
de Margaret Atwood

Ana Cristina Mendes
CEAUL - Universidade de Lisboa



“The Bone of Contention”: Prazeres-Desejos do Corpo em *The Handmaid’s Tale* de Margaret Atwood

1. A produção e a estruturação dos prazeres-desejos

Recordemos, no projecto narrativo de *1984* de George Orwell (1949) – em que o contacto sexual é encarado como dever partidário, tolerado apenas entre marido e mulher enquanto conduz à procriação, e a castidade integra o código de moralidade acatado pelos membros dos *Inner Party* e *Outer Party* – o encontro do protagonista Winston com uma prostituta e o emblema da *Junior Anti-Sex League*: uma faixa escarlate que confere a aparência de militantes anti-desejo a elementos sexualmente activos como a personagem Julia. Lembremos, ainda, um trecho onde se manifesta a intenção não confessada do Partido em extinguir o instinto sexual, muito para além da eliminação de um foco de lealdades não enquadráveis nem formatáveis no *establishment* social e político:

The aim of the Party was not merely to prevent men and women from forming loyalties which it might not be able to control. Its real, undeclared purpose was to remove all pleasure from the sexual act... The only recognized purpose of marriage was to beget children for the service of the Party. Sexual intercourse was to be looked on as a slightly disgusting minor operation, like having an enema... All children were to be begotten by artificial insemination (“artsem”, it was called in Newspeak)... The Party was trying to kill the sex instinct, or, if it could not be killed, then to distort it and dirty it... And so far as the women are concerned, the Party’s efforts were largely successful. (68-69)

Na visão androcêntrica do protagonista orwelliano, o corpo feminino, em particular o de Julia, é inevitavelmente associado ao seu potencial sexual, logo subversivo. Tal como na Oceania de *1984*, o querer sexual

enfraquece o estado de *Brave New World* de Aldous Huxley (1932), intrinsecamente inimigo da liberdade erótica. Sob o lema “everyone belongs to everyone else” e num contexto de onnipresença dos *Malthusian belts*, Lenina, formatada por psicólogos a ser sexualmente promíscua e a esquecer frustrações com *soma*, conduz à autoflagelação do enamorado Selvagem, que não aceita o facto de desejar alguém condicionado, desde a criação *in vitro*, ao não desejo.

À semelhança do que sucede nas narrativas de Orwell e Huxley, em *The Handmaid's Tale* de Margaret Atwood (1985) as relações sociais são estritamente reguladas, os casamentos são celebrados em massa pelo Estado, o divórcio é proibido e tanto o amor romântico como o amor familiar são tabus. A opressão que rodeia a componente sexual das relações entre os indivíduos é evidenciada no trocadilho chauceriano “handmaid's tale/tail” usado pelo Professor Peixoto no congresso de estudos gileadianos, já que *tail* constituía “the bone ... of contention, in that phase of Gileadean society” (Atwood 313). Na verdade, o declínio da taxa de natalidade caucasiana, resultado de epidemias e catástrofes ecológicas,¹ justifica a prioridade sociobiológica definida pela República de Gilead, de acordo com a qual o acto sexual passa de propiciador de prazer a imperativo biológico de reprodução.

Estando os prazeres do corpo sujeitos a construções sociais historicamente mutáveis, só serão permitidos aqueles que, sob a forma de rituais comunitários, tiverem utilidade para o poder. Os prazeres não existem sempre em oposição invariável a um poder controlador e repressivo, mas são produzidos dentro de configurações de poder que os colocam ao serviço de uma utilidade específica. Assim, na Cerimónia, ritual sexual que ocorre mensalmente envolvendo a *Handmaid*, o *Commander* e a esposa deste, o corpo fecundo é posto em comunicação orgânica com o corpo social de forma a assegurar a reprodução de Gilead.

¹ Margaret Atwood descreve o seu projecto distópico/utópico nos seguintes termos: “It's about what happens at the intersection of several trends, all of which are with us today: the rise of right-wing fundamentalism as a political force, the decline in the Caucasian birth rate in North America and northern Europe, and the rise in infertility and birth-defect rates, due, some say, to increased chemical-pollutant and radiation levels, as well as to sexually-transmitted diseases” (cit. Howells 128-129).

Assumindo à partida que aquilo que é entendido como sexual varia entre comunidades, este artigo pretende avaliar a aplicabilidade no projecto narrativo de Atwood da noção de um poder que opera não através da proibição do desejo, mas ao nível da *produção* dos prazeres-desejos do corpo, bem como as consequências da desigualdade de acesso ao poder na estruturação desses prazeres-desejos. Numa base biopolítica, procurar-se-á examinar a forma como os corpos são reconceptualizados e construídos de acordo com um padrão de comportamento útil. Quando Foucault se refere a “corpos dóceis” em *Surveiller et Punir*, descreve um sistema que torna os corpos úteis, através do exercício, ou seja, da técnica que impõe ao corpo tarefas repetitivas e diferentes, mas sempre graduais, comum ao exército, à igreja e à universidade, três formações discursivas que estão na base da reeducação dos cidadãos de Gilead. Verificar-se-á em que medida o desejo, em particular na sua vertente não-útil, é fiscalizado pelos poderes da República e como, num contexto de heterossexualidade e procriação impostas, tudo é catalogado de acordo com categorias binárias: permitido/proibido, lícito/ilícito, reprodutivo/não reprodutivo (Kauffman 244).

Em última análise, examinar-se-á a pertinência em Gilead da hipótese do panoptismo, nome do poder próprio das sociedades contemporâneas, ditas disciplinares. No seguimento das teorias nascidas nos textos de Foucault dos anos setenta do século XX, a hipótese do panoptismo defende que a normalização das vidas singulares é produzida por um olhar contínuo que se exerce sem interrupção, que no seu limite não necessita de grades, correntes, fechaduras, suplícios, pequenas violências ou de qualquer tipo de constrangimento físico para obter os efeitos desejados, olhar que recebe a qualificação de ortopédico, disciplinar ou normalizador. Pressupondo que a heterossexualidade se aprende no *Red Center* de Gilead, ver-se-á em que grau estão (ou não) inscritos nos corpos os mecanismos disciplinares de uma heteronormatividade, expondo o processo conducente à sua ulterior invisibilidade.

2. Recursos Estatais

Foucault argumenta que os corpos são tornados máquinas no exército, na escola e no hospital, e o *Red Center* combina essas três funções: evocando a disciplina militar, as futuras *Handmaids* dormem em fileiras

de camas, patrulhadas pelas *Aunts* com uma intensidade de luz suficiente para permitir a vigilância; ali, as *Handmaids* praticam exercícios pré-natais, sofrem tratamentos de choque e são acalmadas com substâncias químicas.

Offred, a protagonista atwoodiana, é simultaneamente recruta, aluna em reeducação e paciente sujeita a exames ginecológicos mensais propiciadores da gravidez. Ao mesmo tempo que se reconstrói enquanto indivíduo, a historiografa capital de Gilead esboça as vias pelas quais a cidade-estado administra o querer, monitorizando-o, disciplinando-o e regulamentando-o por discursos públicos.² Rituais como *Testifying*, *Salvaging*, *Prayvaganza* e *Particicution* fazem parte dos mecanismos normalizadores que asseguram a ordem. A propósito da Cerimónia, ritual sexual antecedido por um banho, prescrito como medida higiénica, mas também como forma de purificação numa sociedade onde o sexo é associado ao pecado, a serva regista:

[i]t has nothing to do with passion or love or romance or any of those other notions we used to titillate ourselves with. It has nothing to do with sexual desire... Arousal and orgasm are no longer thought necessary; they would be a symptom of frivolity merely,... superfluous distractions for the light-minded. Outdated. (105)

Sem a actividade (heteros)sexual da Cerimónia, lícita porque reprodutiva, Gilead não poderia sobreviver. Para levar mulheres férteis a desistir da sua identidade e servir de barrigas de aluguer para a elite estéril, a teocracia gileadiana serve-se do precedente bíblico de Raquel, Bilhah e Jacob, repetindo até à exaustão no *Red Center* esta narrativa do *Antigo Testamento*. O estatuto divino imputado às *Handmaids* justifica, deste modo, o controlo do acesso da elite à satisfação do desejo e também a normalização de discursos divergentes.

No centro de reeducação, as *Handmaids* são doutrinadas a entender os seus corpos enquanto “birth machines, reproductive technology

² Recorrer-se-á à noção de discurso usada por Foucault, i.e. aquilo que define e limita o que é admissível ou possível e o que é impossível, dotando os indivíduos das regras e normas que regulam aquilo de que se pode falar ou pensar.

composed of female flesh”, nas palavras de Marleen Barr (92).³ O corpo de Offred agrupa-se em torno de um objecto útil à comunidade – o útero – como observa a *Handmaid*:

I used to think of my body as an instrument, of pleasure...or an implement for the accomplishment of my will...Now the flesh arranges itself differently. I'm a cloud, congealed around a central object, the shape of a pear, which is hard and more real than I am and glows red within its translucent wrapping. (83-84)

Offred acredita que a nova ordem existe para o seu próprio bem, regulando o seu autoconceito pela fertilidade dos ovários e tomando a vontade do regime como sua. Lembremo-nos que durante um dos exames obrigatórios à saúde reprodutiva no capítulo 11, Offred, com o torso em exposição e a cara oculta por um ecrã,⁴ se olha como um corpo desmembrado. É inevitável concluir que as *Handmaids* nada mais são que órgãos reprodutivos andantes:

We are two-legged wombs, that's all: sacred vessels, ambulatory chalices. We are containers, it's only the insides of our bodies that are important. What we prayed for was emptiness, so we would be worthy to be filled: with grace, with love, with self-denial, with semen and babies. (176)

Apesar desta complacência, Offred é discretamente subversiva. A secção *Night* do projecto narrativo sinaliza o escape para um mundo

³ A autora continua: “Atwood creates a science fiction text about women’s relationship to reproduction that is congruent with the developing reality of new reproductive technologies...These texts are not only stories” (92).

⁴ Compare-se a ideia “[the doctor] deals with a torso only” (70) com o processo de nascimento descrito em *Surfacing*: “They shut you in a hospital, they shave the hair off you and tie your hands down, and they don’t let you see, they don’t want you to understand, they want you to believe it’s their power, not yours. They stick needles in you so you won’t hear anything, you might as well be a dead pig, your legs are up in a metal frame, they bend over you, technicians, mechanics, butchers, students clumsy or sniggering, practising on your body, they take the baby out with a fork like a pickle out of a pickle jar” (Atwood, *Surfacing* 92).

privado de memória e desejo, quando a existência da *Handmaid* não está sob escrutínio público. Evidenciando a possibilidade de resistência dentro de um sistema de rígidos controles, Offred anseia pelos “tiny peepholes”, instantes em que o humano atravessa a superfície oficial:

It's an event, a small defiance of rule, so small as to be undetectable, but such moments are the rewards I hold out for myself, like the candy I hoarded, as a child, at the back of the drawer. Such moments are possibilities, tiny peepholes. (31)

Nesta falsa sensação de segurança, elimina qualquer necessidade de revolta. Fantasia usar o corpo, tido como divino, para fazer trocas com os *Angels*, e exhibe-lhes a sua sexualidade proibida quando passa por eles, jogando com os efeitos da privação sexual:

I enjoy the power; power of a dog bone, passive but there. I hope they get hard at the sight of us and have to rub themselves against the painted barriers, surreptitiously... There are no more magazines, no more films, no more substitutes... They have no more outlets now except themselves, and that's a sacrilege. (32)

A *Handmaid* reivindica a sua autodeterminação sexual ao fazer amor com Nick, acto punível com a morte, como disse tem consciência, “expecting at any moment to feel the bullets rip through [her]” (280). O seu amor com o motorista do *Commander*, combinação interdita de desejo e rebelião, mostra-lhe que os espões podem ser controlados. No entanto, quando é descoberta, os sentimentos de poder e prazer extinguem-se:

I'll sacrifice. I'll repent. I'll abdicate. I'll renounce... Everything they taught at the Red Center, everything I've resisted comes flooding in. I don't want pain. I don't want to be a dancer, my feet in the air, my head a faceless oblong of white cloth. I don't want to be a doll hung up on the Wall ... I want to keep on living, in any form. I resign my body freely, to the uses of others. They can do what they like with me. I am abject. I feel, for the first time, their true power. (298)

Do mesmo modo, Gilead controla o acesso à satisfação do desejo dos homens não pertencentes à elite e assegura-se que não se revoltam, garantindo-lhes uma esposa, mesmo que estéril, como recompensa pela sua lealdade. Ao envolver-se sexualmente com um recurso estatal, Nick fá-lo à custa de grande risco para ambos. Poder é ter acesso ao interdito, e permitir o “livre-trânsito” aos caminhos vedados é uma ferramenta de manipulação.

O prazer do poder, ou melhor, o *poder* do poder é a possibilidade de quebrar as regras de conduta que regem a comunidade. O clube Jezebel, simultaneamente proibido e gerido pelo regime, demonstra o poder que a elite detém no acesso ao prazer, impedindo o resto dos cidadãos de usufruir da satisfação do prazer enquanto os poderosos estão fora do alcance das leis puritanas da República: vários *Commanders* trazem aqui as suas servas, num acto comparado a “screwing on the altar” (255), e gozam sexualmente de mulheres esterilizadas, vestidas de coelhinhos da *Playboy* ou de *femmes fatales*.

3. Corpos Não-Úteis

Ao invocar a segurança das mulheres para proibir a pornografia, Gilead controla eficazmente um dos acessos à satisfação do desejo. De facto, qualquer actividade sexual que não sirva os interesses da República é condenada: a definição de “não-humano” é atribuída a homossexuais, lésbicas, homens não-caucasianos, mulheres estéreis, freiras e a todos os que não contribuírem para a reprodução da comunidade. Os corpos não-úteis são classificados de *Unwomen*, *Unbabies* e *Gender Traitors*, executados ou enviados para as colónias, e os cidadãos são recompensados por denunciar comportamentos sexuais não ortodoxos, o que constitui um valioso instrumento de manipulação.

A República não tolera desvios da relação homem/mulher: a manifestação de desejo e o contacto sexual sem utilidade social entre pessoas do mesmo sexo são catalogados de “gender treachery”. Sendo os princípios morais de Gilead baseados no Antigo Testamento, que encerra na narrativa de Sodoma e Gomorra uma promessa de castigo para os que se envolvam em actividades *contra naturam*, não é de estranhar que os cadáveres de dois *Guardians* sejam pendurados em ganchos e expostos na

Wall por terem “traído o gênero”. Se, por um lado, a heterossexualidade obrigatória é uma questão de senso prático para uma comunidade que quase perdeu a capacidade de se reproduzir, por outro, a heterossexualidade imputada através do suplício é uma extensão do uso do corpo enquanto local de práticas disciplinares.

Substituindo a tortura do corpo por uma ortopedia das almas, a destruição do corpo dá lugar à sua domesticação, e as *Aunts* do *Red Center* especializam-se em técnicas de adestramento, uma vez que o objectivo não é tanto extirpar um membro (social) gangrenado, mas curá-lo para prevenir a putrefacção de outros. Isto não impede, porém, que as recrutas resistentes à reeducação sejam objecto de tortura física, de uma violência higienista que surge como legítima e legitimada e que só poderá ser minimizada pelo conformismo.

Em Gilead, as mulheres úteis são rotuladas de *Wives*, *Handmaids*, *Marthas* ou *Aunts*,⁵ mas Moira, a amiga bissexual da protagonista, recusa encaixar-se nesta arrumação, qual “elevator with open sides” (143) que provoca tonturas. Esta figura de resistência na estrutura de poder gileadiana, conhecida pelo próprio nome porque nunca chega a ser uma *Handmaid*, planeia escapar do *Red Center* para sobreviver a um destino “divino”, finge uma indisposição física e tenta subornar um *Angel* com sexo (capítulos 14-18). É denunciada e as *Aunts* torturam-na com choques eléctricos aplicados nos pés, esclarecendo que “... [f]or [their] purposes [her] feet and [her] hands are not essential” (102). Numa comunidade em que as erupções do desejo são reprimidas violentamente, veja-se como as condições materiais estruturam a opressão mental. Mais do que uma tentativa de administrar o ímpeto sexual e mascarar o que ele pode ter de indócil, estas tecnologias correctivas ministradas no *Red Center* pretendem produzir a própria sexualidade, forçando Moira a reflectir no seu corpo a evidência de não ser mais que um receptáculo sexual:

⁵ Preste-se atenção aos abusos de linguagem em Gilead, onde os significados são alterados para o seu oposto (como no *Newspeak* de Orwell), num esforço para orientar a maneira de a comunidade perceber a realidade: palavras como *Aunts* e *Angels*, com conotações emocionais positivas, são distorcidas em eufemismos de instrumentos opressores.

They took her to a room that used to be the Science lab. It was a room where none of us went willingly. Afterwards she could not walk for a week, her feet would not fit into her shoes, they were too swollen. It was the feet they'd do, for a first offence. They used steel cables frayed at the ends. After that the hands... (102)

No entanto, estas estratégias ortopédicas não conseguem atemorizá-la ao ponto de mostrar conformismo. Tendo como pano de fundo uma cultura de heterossexualidade coerciva, Moira surge como foco da luta por uma identidade bissexual, até porque todos os discursos produzem um discurso de resistência. Numa segunda tentativa de fuga (capítulos 19-23) veste as roupas de Aunt Elizabeth, constituindo esta troca de identidade uma forma de resistência aos mecanismos disciplinares de Gilead e uma procura de reapropriação da sua própria identidade. Em última análise, será o regime incapaz de disciplinar o desejo, ou melhor, aquilo que não serve os interesses da comunidade?

Moira acaba por ser novamente capturada e torturada pelos *Eyes* que recorrem à violência física e psicológica, mostrando-lhe terríveis documentários das colónias. Àquela que se recusa a ser assimilada como “worthy vessel”, deixando de existir oficialmente, restam-lhe duas alternativas: ser expulsa para as colónias ou ser reciclada em prostituta no clube do regime. Opta pela segunda e quando Offred a encontra no bordel são inequívocos o fatalismo e o enfraquecimento da sua resistência interior: “[s]he is frightening me now, because what I hear in her voice is indifference, a lack of volition” (261).

Recordemos que a rebelião em *The Handmaid's Tale* é articulada, entre outras vias, através de Moira e que, no fim, esta não conseguiu fugir do alcance de Gilead.⁶ Não obstante ser forçada a prostituir-se, em Jezebel pode fumar, beber álcool e ter sexo com outras mulheres. Tudo é preferível

⁶ O processo através do qual o poder procura domar aquilo que não lhe é útil é visível, actualmente, na legalização do matrimónio de casais homossexuais. Comenta, a este propósito, Germaine Greer: “As a female comedian remarked bitterly, if the law has its way, after five years of married life homosexuals, like heterosexuals, will be celibate” (240).

às colónias de *Unwomen*, caracterizadas nos seguintes termos:

It's old women . . . I bet you're wondering why you haven't seen too many of those around anymore - and Handmaids who've screwed up their three chances [to get pregnant], and incorrigible like me. Discards, all of us. . . I'd say it's about a quarter men in the Colonies, too. Not all of those Gender Traitors end up on the wall. (260-261)

A atribuição da categoria *Unwoman* a Moira reinscreve os termos de uma heterossexualidade compulsiva, coerente e estável apenas numa matriz heterossexual, nexos institucionalizados da actividade comunitária do projecto narrativo. Para o poder, é sempre preferível normalizar a eliminar irreversivelmente: Jezebel, local de prevaricações controláveis, torna-se reeducador à semelhança do *Red Center*. A ameaça de se tornar um exemplo para disciplinar outras leva ao conformismo e perpetua a legitimidade do controle policial sobre os indivíduos.

Aparentemente, Gilead está estruturada de modo a que todos se espiem mutuamente, numa anulação da fronteira entre o público e o privado. Os *Eyes*, lacaios da polícia secreta, monitorizam o comportamento de cidadãos tornados visíveis através uniformes que obedecem a códigos de cores correspondentes a funções sociais. O Estado sujeita os corpos ao policiamento, mas será o panóptico figura simbolizante da República? De acordo com a hipótese do panoptismo, a eficácia do olhar panóptico resulta da não-reciprocidade do olhar; deste modo, o panóptico em si e por si mesmo opera a gestão dos corpos, do tempo, das impressões de uma determinada comunidade porque a vigilância é sentida, funcionando automaticamente. Será que o sistema gileadiano encerra em si e manifesta a capacidade de ver tudo?

Pontos de vigia e carrinhas da polícia secreta são ainda bem visíveis na República,⁷ enforcamentos públicos e execuções rituais são encenadas

⁷ Na adaptação cinematográfica de *The Handmaid's Tale* (1990), com argumento de Harold Pinter e realização de Volker Schlöndorff, as *handmaids* têm pulseiras onde estão gravados códigos lidos por um sensor nas caixas dos supermercados e nos pontos de controlo da cidade.

na *Wall*, transformando a morte num espectáculo informativo e edificante para os corpos úteis, i.e. para as *handmaids*, o que permite concluir que Atwood representa um regime ainda no processo da fundação de mecanismos disciplinares que eventualmente se tornarão invisíveis, instalando-se directamente na consciência dos indivíduos. No desenvolvimento deste processo, à semelhança do que já sucede com as *handmaids*, os cidadãos existirão num estado de autovigilância, o que assegurará ao poder uma capacidade de actuação expedita.

Como no panóptico, a vigilância tornar-se-á permanente nos seus efeitos, mesmo que descontínua na sua acção, na medida em que o olhar institucional será invisível, mas omnisciente, tendência captada pela adaptação cinematográfica do projecto narrativo ao representar em cada esquina monitores televisivos, com um olho por cima de uma pirâmide, olho que vigia todos os cidadãos, como logótipo.

4. A Utopia na Distopia

Vimos como em *The Handmaid's Tale* o poder é exercido não só através da proibição do desejo-prazer mas também ao nível da *produção* dos prazeres-desejos do corpo, ampliando a noção de poder patente na parte introdutória da *História da Sexualidade* de Foucault, como conclui Linda Kauffman:

Atwood's novel is obviously no mere application of Foucauldian theory, for where Foucault rejects the repressive hypothesis, Atwood clearly exercises poetic license by inventing a society that is relentlessly repressive and oppressive. (250)

Onde há poder há resistência e, contudo, ou talvez por isso mesmo, esta nunca está em posição de exterioridade relativamente ao poder. A resistência de Offred e Moira, exigindo a libertação de um escrutínio patológico, só é possível através dos discursos disponíveis. Neste sentido, escreve Zygmunt Bauman: “[n]ot only is there no contradiction between dependence and liberation; there is no other way to pursue the liberation but to ‘submit’ to society and to follow its norms. Freedom cannot be gained against society” (20).

Apesar de os discursos da oposição reflectirem inevitavelmente as relações de poder a que procuram resistir, ao desafiar as expectativas tradicionais de que a distopia deve acabar tragicamente, *The Handmaid's Tale* abre espaços de resistência e mantém o impulso utópico *dentro* da narrativa. Raffaella Baccolini cita esta obra como um exemplo de “open or critical dystopia”,⁸ contendo em si simultaneamente elementos distópicos e utópicos, no sentido de utopia definido por Ruth Levitas:

utopia is a social construct which arises... as a socially constructed response to an equally socially constructed gap between the needs and wants generated by a particular society and the satisfactions available to and distributed by it. All aspects of the scarcity gap are social constructs, including the propensity to imagine it away by some means or other. (181-183)

Tradicionalmente, a distopia, género sem lugar para a esperança (no sentido de esperança utópica) mantém a utopia apenas no seu *exterior*. A opção de escapar a um futuro onde os desejos-prazeres não sejam construídos pelo Estado não é dada aos protagonistas de *1984* ou *Brave New World*. Pelo contrário, o projecto narrativo de Atwood, na conclusão ambígua da narrativa de Offred, resiste à ideia de ausência de alternativa: a utopia é mantida *dentro* da distopia abrindo espaço para a construção de subjectividades não contempladas pelos discursos hegemónicos.

⁸ De acordo com a autora, o género mais comum dos anos 80 e 90, “[c]ritical or open-ended dystopias are texts that maintain a utopian core at their center, a locus of hope that contributes to deconstructing tradition and reconstructing alternatives” (13).

Obras citadas

- Atwood, Margaret. *The Handmaid's Tale*. London: Jonathan Cape, 1986.
- . *Surfacing*. New York: Simon and Schuster, 1972.
- Baccolini, Raffaella. "Gender and Genre in the Feminist Critical Dystopias of Katherine Burdekin, Margaret Atwood, and Octavia Butler." *Future Females, The Next Generation: New Voices and Velocities in Feminist Science Fiction Criticism*. Ed. Marleen S. Barr. Lanham: Rowman & Littlefield, 2000. 13-34.
- Barr, Marleen S. *Lost in Space: Probing Feminist Science Fiction and Beyond*. Chapel Hill & London: The University of North Carolina Press, 1993.
- Bauman, Zygmunt. *Liquid Modernity*. Cambridge: Polity Press, 2000.
- Foucault, Michel. *História da Sexualidade I: A Vontade de Saber* (título original: *Histoire de la Sexualité 1: La Volonté de Savoir*, 1976). Lisboa: Relógio D'água, 1994.
- . *Vigiar e Punir: História da Violência nas Prisões* (título original: *Surveiller et Punir*, 1975). Petrópolis: Vozes, 2000.
- Greer, Germaine. *The Whole Woman*. London: Doubleday, 1999.
- Howells, Coral Ann. *Margaret Atwood*. London: Macmillan, 1996.
- Huxley, Aldous. *Brave New World* (1932). London: Flamingo, 1994.
- Kauffman, Linda S. *Special Delivery: Epistolary Models in Modern Fiction*. Chicago: University of Chicago Press, 1992.
- Levitas, Ruth. *The Concept of Utopia*. New York: Philip Allan, 1990.
- Orwell, George. *1984* (1949). London: Penguin, 2000.